

## ENTRE PÁGINAS E NÃO-PÁGINAS: UM PENSAMENTO SOBRE A ESPACIALIDADE EXPANDIDA DO LIVRO DE ARTISTA

KARINA GALLO<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPel – karinag2706@gmail.com 1

<sup>2</sup>UFPel – sacco.h@gmail.com 2

### 1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão é parte da minha pesquisa como bolsista PIBIC- CNPq vinculada ao Projeto de Pesquisa Lugares-livro: dimensões poéticas e materiais, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Helene Gomes Sacco, projeto que objetiva estabelecer reflexões acerca do livro de artista, tanto no que tange a observação de alguns livros, quanto aspectos históricos destes, bem como seu fazer por parte de um determinado grupo de artistas. Apresentarei um recorte onde busco pensar os espaços que a palavra ocupa, a partir da leitura de dois trabalhos que realizei. Poderia pensá-los como livros fora da página? Qual o limite para se pensar um livro de artista?

O primeiro, Máquina de Descrever, foi uma ação artística proposta para o evento Experiência Biblioteca: percursos infraordinários, realizado na Biblioteca Pública Pelotense, durante a 44<sup>a</sup> Feira do livro de Pelotas, em 2016 e organizado pelo projeto de pesquisa. O segundo, uma instalação artística feita no terceiro andar do Bloco I do Centro de Artes UFPel intitulado *Ensaio de Pequenos Náufragos*, em julho de 2017.

Em seu livro *Página Violada*, Paulo Silveira diz que para ser um livro de artista “não precisa ser um livro, bastando ser a ele referente, mesmo que remotamente” (SILVEIRA, 2001, p.26). É a partir dessa definição que pensarei meu trabalho, procurando responder quais são os formatos possíveis para um livro? Pode um livro ter uma única página, pode ele não ter nenhuma? O artista Vitor Cesar Junior em seu trabalho *Vocabulário para se pensar a cidade*, realizado em 2008, distribui páginas com pequenas frases pelo espaço, mostrando que não necessariamente a página precisa estar em um livro para nos remetermos a ele.

### 2. METODOLOGIA

Máquina de Descrever foi uma ação onde durante as tardes de cinco dias escrevi sobre a cidade que se apresentava a minha frente pela sacada da Biblioteca. Essa escrita era feita em um rolo de papel com máquina de escrever e, esse papel ao ser datilografado saía gradativamente pela sacada do segundo andar e ia caindo rumo a calçada em frente ao local (Figura 1). Ao final do trabalho esse rolo, que gosto de chamar de livro-rolo e pode ser entendido como um livro de uma única página, alcançou os mais de 5 metros de papel, chegando quase a encostar a calçada em frente a biblioteca.

Escrever em um rolo de papel me permitia escrever sem pausas, criar um texto contínuo. Um livro-rolo é um fluxo de pensamentos, de palavras e coisas. Era um livro que não se limitava ao seu espaço físico mas que permitia que suas palavras tomassem através de um outro corpo, um lugar na cidade. Para pensar nessa espacialidade e formato de página, trago um trecho de Alberto Manguel, onde ele discorre sobre a história dos livros e pode nos explicar melhor que:

No rolo, tanto a ideia de moldura quanto a noção de frente e verso parecem desaparecer. As folhas de papiro que eram utilizadas para formar a maioria dos rolos não mediam mais que 38 centímetros de altura por 23 de largura, e não dividiam o texto em algo similar às nossas páginas individuais, separadas. Embora os rolos tivessem margem e estivessem divididos em colunas, sem espaço entre as palavras, era o próprio rolo que determinava a extensão do texto (na Grécia eles tinham, geralmente, entre 6 e 9 metros de comprimento). Um rolo comum podia conter um livro de Tucídides ou dois ou três cantos de Ilíada. O rolo oferecia tanto ao escritor como ao leitor uma aparente liberdade: não havia linhas truncadas, exceto quando se passava de uma linha para outra; não havia um sentido cumulativo de progresso na leitura, salvo pelo fato de que o rolo se desdobrava e voltava a ser enrolado; não impunha nenhuma unidade textual, a não ser quando, ao desenrolar-se, permitia que se abarcasse apenas uma seção por vez. Numa tentativa de demonstrar a qualidade paradoxal dessa liberdade em muitos séculos mais tarde, em 1969, o escritor espanhol, Juan Benet escreveu um romance, *Una meditación*, num único rolo de papel que deslizava em sua máquina de escrever com um complexo mecanismo que o impedia de retroceder – ou seja, tudo que ele escrevia se transformava na versão definitiva, sem guia ou divisões de páginas. (MANGUEL, 2009. p.77)

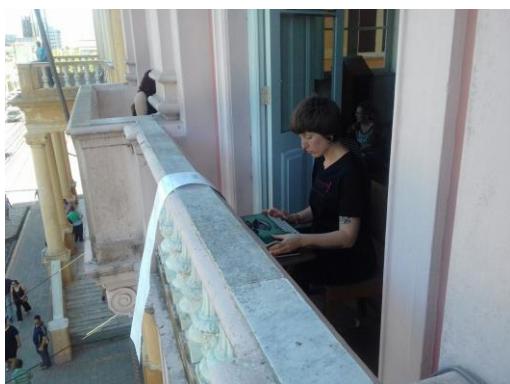


Figura 1 – Karina Gallo, registro da ação: Máquina de Descrever, 2016

*Ensaio de Pequenos Náufragos* foi uma instalação artística que surgiu a partir da necessidade de mostrar essa escrita de uma nova maneira. Nela suspendi fragmentos do texto realizado durante o trabalho anterior em tubos de ensaio, permitindo que esses fragmentos pudessem ser lidos pelo lado de fora dos tubos, sem ser necessário abri-los. (Figura 2). Esses textos ainda se mantinham em pequenos rolos dentro de cada tubo, preservando uma referência ao seu espaço de origem no livro-rolo, mas os pequenos fragmentos ocuparam o espaço de maneira diferente, buscando diálogo com o espaço sua transparência, expressa pelo teto de vidro que permitia capturar as diferentes iluminações do dia e proporcionava aos tubos de ensaio, brilhos e reflexos. É possível perceber uma relação também com o formato do próprio prédio que remetia muito a um tubo de ensaio invertido. Neste trabalho, aqueles pequenos fragmentos de texto que entendo como pequenos ensaios, me fez pensar sobre o estilo textual chamado ensaio, como um texto de caráter pessoal entre o poético e o crítico e que procura expor ideias, duvidas e reflexões, que pode ser pensado como um movimento a procura de algo novo. Nele ocupo o espaço desse corriqueiro objeto da área das Ciências Biológicas e nesse

diálogo de campos, proponho essa ideia de experimento criativo por via da palavra como um fragmento do mundo. Esse trabalho poderia ser pensado como um livro expandido? Aqui cada tubo seria uma página?



Figura 2 – Karina Gallo, registro: Ensaio de Pequenos Náufragos, 2017



Figura 3 - Vitor Cesar Junior, *Vocabulário para se pensar a cidade* (Derdyk, p.69)

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como o trabalho de Vitor Cesar Junior, *Vocabulário para se pensar a cidade* (Figura 3), essa instalação propõe um novo lugar para a página, ou não página, onde essa sai do volume de um livro e toma conta do espaço, se espalha. Ambos os trabalhos mostram diferentes possibilidades de leitura, de escrita e de distribuição das palavras em um espaço-página ou não-página. Diferente das páginas que estamos habituados, um trabalho fora da página ou não-página, são trabalhos que propõem novas formas de nos adentrarmos no universo das palavras e imagens, mas dividindo o mesmo espaço do mundo, propondo novos modos de leitura ao criar outras formas de experiência com elas. Segundo Bernadete Panek, a partir do pensamento de Rosalind Karuss de campo expandido na escultura, é possível levarmos esse conceito para outros campos e até mesmo os dos livros, que como veículo de expressão poderiam assumir outras formas, dimensões, temporalidades e espacialidades (2012, p.138). Já os livros mais tradicionais em formato fólio, são espaços em si, espaços também de visitação que nos convidam ao habitá-los de forma óptica e háptica, mas adentramos em parte e com a imaginação ao acessar a experiência de leitura, enquanto os livros expandidos seriam um espaço mais ampliado em relação ao corpo e a arquitetura. Ulisses Carrión pensava os livros como espaços, e dizia:

Um livro é uma sequência de espaços. Cada um desses espaços é percebido em um momento diferente – um livro é também uma sequência de momentos. Um livro não é uma caixa de palavras, nem uma bolsa de palavras, nem um portador de palavras. [...] Um livro é uma sequência de espaço-tempo (CARRIÓN, 2011)

Vejo essa reflexão com algo que me proporciona um olhar mais alargado não só sobre meus dois trabalhos, mas como também sobre o próprio conceito de livro de artista. O primeiro, que era uma ação que acontecia como intervenção do espaço, fazia o público se esticar na calçada com a intenção de ler aquele papel que descia pela sacada, ou se colocar atrás de mim e observar o que era escrito no momento do nascimento do texto, permitindo a visualização do processo de criação do texto, a observação do fluxo de palavras que procurava quebrar o fluxo temporal da cidade e do clima e ritmo da biblioteca. Nele a ação artística tornava o livro e sua grande página um espaço mais ampliado. O segundo, também pedia um outro tempo, como se quando se suspendessem os tubos de ensaio, também se suspendesse o tempo. Algumas pessoas relataram que era praticamente impossível passar naquele andar e não querer ler ao menos um daqueles diversos tubos de ensaio, ou chegar naquele andar e não precisar parar para observar, como se tudo naquele andar estivesse mais lento, parado.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da realização dos dois trabalhos, foi criada uma discussão sobre os possíveis lugares para a página, criando novas possibilidades para o que pode ser uma página e um livro, pois em toda sua história o livro já possuiu muitas formas. Hoje, no campo da arte, os livros de artista não cessam criar e engendrar novas maneiras de pensá-los. A possibilidade do conceito de Livro expandido corrobora para sua relação mais alargada com o espaço em instalações e intervenções. Os trabalhos apresentados sugerem novos modos de pensar o livro quanto a suas páginas e espaços de experiência: o primeiro traz um livro-rolo, uma única página, esteve atrelado a uma ação artística que nascia de uma experiência de espaço, me fez perceber a força que o espaço incide sobre a escrita. O segundo traz a escrita da primeira experiência em não-páginas, agora especializadas, expandidas no espaço, aproxima um espaço ao outro, sobrepõe tempos, dilata a experiência num tempo desdobrado ou melhor dizendo, desenrolado na leitura.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRIÓN, U. **A nova arte de fazer livros.** Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- DERDYK, E. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- MANGUEL, A. **À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaio sobre corvos e escrivaninhas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PANEK, B. **O livro como lugar: O campo expandido do Livro de Artista.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, v.2, n.3, p. 137-148. maio de 2012.
- SILVEIRA, P. **A página violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.